



MONOGRAFIAS

1



---

## CONTEXTOS ESTRATIGRÁFICOS NA *LUSITANIA* (DO ALTO IMPÉRIO À ANTIGUIDADE TARDIA)

---

Coordenação de José Carlos Quaresma e João António Marques

Título

**Monografias AAP**

Edição

**Associação dos Arqueólogos Portugueses**

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

**José Morais Arnaud**

Coordenação

**José Carlos Quaresma, João António Marques**

Design gráfico

**Flatland Design**

Fotografia de capa (cabeça de terracota localizada na c/Almendralejo 41, Mérida)

**M. Bustamante**

Impressão

**Europress, Indústria Gráfica**

Tiragem

**300 exemplares**

ISBN

**978-972-9451-55-3**

Depósito legal

**396123/15**

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

# ÍNDICE

- 5 Editorial  
José Morais Arnaud
- 7 Prefácio  
João António Marques
- 9 Introdução. Um estímulo ao estudo de contextos  
José Carlos Quaresma
- 13 *Terra sigillata Italica* from Caladinho (Redondo, Portugal)  
Rui Mataloto; Joey Williams
- 25 Um contexto constructivo de época tardo augustea em *Augusta Emerita*  
Macarena Bustamante
- 41 Um contexto alto-imperial da Rua dos Remédios, Lisboa  
Rodrigo Banha da Silva
- 69 Contextos e materiais arqueológicos do sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda)  
Vitor Pereira, Alcina Cameijo, António Carlos Marques
- 85 Um contexto do segundo quartel do século II: a vala do estacionamento de *Ammaia*, São Salvador de Aramenha, Marvão  
José Carlos Quaresma, Vítor Dias
- 105 A *figlina* do Morraçal da Ajuda, Peniche – última fase de produção  
Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda, Inês Alves Ribeiro
- 117 Análise crono-estratigráfica da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Seixal): séculos III-V  
Cézer Santos, Jorge Raposo, José Carlos Quaresma
- 149 O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da *Lusitania*  
António Manuel S. P. Silva, Pedro Pereira, Teresa P. Carvalho, Filipe Pinto, Laura Sousa



# CONTEXTOS E MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO SÍTIO ROMANO DA PÓVOA DO MILEU (GUARDA)

---

Vítor Pereira<sup>1</sup>, Alcina Cameijo<sup>2</sup>, António Marques<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Câmara Municipal da Guarda / vitor.pereira@mun-guarda.pt

<sup>2</sup> Agência para a Promoção da Guarda

<sup>3</sup> Câmara Municipal de Celorico da Beira

## Resumo

O artigo que agora apresentamos tem por base a investigação arqueológica que temos vindo a desenvolver no sítio arqueológico da Póvoa do Mileu, atualmente integrado na malha urbana da cidade da Guarda.

Apesar de a escavação deste sítio estar longe de concluída e apesar das escassas intervenções arqueológicas realizadas na área em que se integra – a região do Planalto Guarda-Sabugal – podemos no entanto apresentar já alguns dos principais resultados conhecidos e avançar com algumas considerações sobre este sítio e sobretudo realçar a sua importância no contexto onde está integrado. Com efeito, a qualidade, a raridade e o elevado número de materiais arqueológicos importados recolhidos no Mileu de proveniência mais longínqua, bem como o aparato arquitetónico/construtivo que o sítio deveria apresentar em período Alto-Imperial parecem afastar a hipótese de o sítio ter constituído uma simples *uilla* romana, tal como foi inicialmente proposto nos anos 50 do século XX, aquando da sua descoberta. A partir do estudo do sítio e da análise dos materiais ganha atualmente força a hipótese de o sítio do Mileu ter constituído um dos núcleos urbanos da Beira Interior.

**Palavras-chave:** Núcleo urbano, Termas romanas, Comércio, Cerâmica do serviço de mesa.

## Abstract

The article that we now present is based on archaeological research we have been developing in Póvoa do Mileu archaeological site, now integrated into the urban fabric of the city of Guarda.

Despite the excavation of this site is far from complete, we can make a few comments and especially highlight their importance in the Plateau Guarda-Sabugal region because, despite the meager archaeological interventions in the area, taking into account the large number of archaeological materials collected in Mileu some from distant sources as well as constructive apparatus that the site should presented in the High Imperial period, the possibility of constituting a Roman *uilla* first proposed in the 50s of the twentieth century when it was discovered, is now outdated, and currently its identification as one of the urban centers of Beira Interior is an increasingly consistent hypothesis.

**Keywords:** Urban center, Roman baths, Trade, Ceramic tableware.

## 1. INTRODUÇÃO

O sítio arqueológico do Mileu foi descoberto acidentalmente em 1951, durante as obras de construção da estrada que faz a ligação entre o Bairro da Estação e a cidade, implantada no cerro contíguo desde o século XII. As obras da estrada, cujo traçado original era quase tangente à capela românica de Nossa Senhora do Mileu (Fig. 5) permitiram a descoberta de achados arqueológicos de tal envergadura que mereceram a atenção das autoridades da época.

Foram então feitos todos os esforços no sentido de salvaguardar os importantes elementos arqueológicos descobertos, tendo sido solicitado parecer e apoio técnico à Junta Nacional da Educação e à antiga Direção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, entidade que então tutelava os trabalhos arqueológicos e que estava sob a alçada do Ministério da Educação Nacional. Os resultados da investigação do sítio suscitaram o desvio do traçado previsto da estrada, a fim de preservar as estruturas entretanto descobertas e escavadas. Os trabalhos então desenvolvidos, coordenados pelo arqueólogo João Manuel Bairrão da Silva Oleiro, então muito jovem, permitiram pôr a descoberto diversas estruturas arqueológicas, que mais tarde foram reconhecidas como sendo o *hipocaustum* do *caldarium* e do *tepidarium* de um complexo termal monumental (Fig. 3), identificado por Adriano V. Rodrigues (1962; 2001: 58) e que, segundo este autor, foi o primeiro complexo termal romano a ser identificado em Portugal.

A suspensão dos trabalhos de escavação do sítio arqueológico após a construção do desvio da estrada, a memória das importantes estruturas e vestígios descobertos em 1951 e 1952 e a própria descoberta do torso de uma extraordinária estátua *lauricata* monumental de mármore soterrada no piso da capela contígua da Senhora do Mileu, bem como o relativo abandono desde então e durante um período de mais de 50 anos, tornaram o Mileu num dos sítios arqueológicos mais enigmáticos da Beira Interior.

As escavações antigas, em articulação com as

mais recentes, levadas a cabo mais de 60 anos depois da descoberta do sítio arqueológico do Mileu, puseram a descoberto importantes componentes de edifícios, alguns de carácter monumental (Fig. 4)<sup>1</sup>. Estas estruturas, nomeadamente as que foram escavadas durante as intervenções arqueológicas mais recentes (Fig. 1) filiam-se plenamente na arquitetura romana não só pelas tipologias arquitetónicas em presença e pelo seu próprio desenho, mas também pela via dos materiais e tecnologias construtivas o que, tudo somado, denuncia um ambiente plenamente romanizado que tudo indica possa ter sido um centro urbano regional de alguma importância, uma das raras e ainda muito pouco conhecidas capitais de *ciuitates* da Beira Interior (Fig. 2)<sup>2</sup>.

No presente artigo incidiremos no estudo do espólio arqueológico recolhido nas escavações dos últimos anos e na análise da integração do Mileu nas rotas do comércio antigo do Império. De facto, os materiais detetados permitem-nos afirmar que, já durante a segunda metade do século I d.C. e sobretudo na centúria seguinte, este território e, em particular, o sítio do Mileu, se encontravam plenamente integrados nas grandes rotas de comércio que atravessavam a região interior da faixa ocidental da Península Ibérica.

Na análise dos materiais arqueológicos optámos pela metodologia inerente ao Número Mínimo de Indivíduos (NMI), segundo o qual efetuámos a contagem dos fragmentos que permitem uma atribuição formal e tipológica, de acordo com os diferentes fabricos e com as unidades estratigráficas onde surgem (Raux, 1998, p. 12).

---

<sup>1</sup> Para uma descrição mais aprofundada sobre as mais recentes escavações arqueológicas no sítio romano da Póvoa do Mileu confira-se Pereira, 2012.

<sup>2</sup> Um dos primeiros investigadores a chamar a atenção para o destaque do Mileu na malha de povoamento da bacia hidrográfica do Rio Côa foi Sabino Perestrelo (2003, p. 134), classificando o sítio como uma das possíveis capitais de *ciuitates* da Beira Interior. Da mesma opinião partilham Marcos Osório (2006, p. 95) e Pedro Carvalho (2005, p. 169), este último que reforçou a hipótese de o Mileu ter sido a capital dos *Lancienses Transcudani*, também defendida por Amílcar Guerra (2007, p. 177). Sobre as características destes núcleos urbanos veja-se Pedro Carvalho (2010).

## 2. A FASE I

A ocupação do pequeno planalto onde se localiza o sítio do Mileu parece remontar a finais da primeira metade do século I d.C., período de construção do complexo termal. Apesar de na sua maioria este edifício ter sido escavado nos anos 50, aquando da descoberta da estação arqueológica, parece-nos possível afirmar que a [U.E. 2] detetada no compartimento 6 (quadrícula E11), assente sobre o afloramento rochoso, corresponde ao nivelamento do terreno para a construção do conjunto arquitetónico, utilizando terras provenientes de outro local, certamente das suas proximidades.

Apesar de todas as reservas quanto ao grau de fiabilidade desta unidade estratigráfica, não deixa

de ser interessante notar que os respetivos materiais arqueológicos apresentam elevada uniformidade de fabrico, pois todos eles estão inseridos no grupo de cerâmica cinzenta polida de tradição indígena, cuja produção não ultrapassa os meados do século I d.C. (Alarcão, 1974, p. 62). Teríamos assim 11 NMI (n.ºs 1 a 11), destacando-se neste grupo os *potinhos* e os *potes*, *pratos* e a tampa, oito dos quais detêm bordo interno polido, uma das características das peças deste fabrico. Todavia, verifica-se neste grupo o surgimento de uma forma já de tradição romana, que inclui nomeadamente os *pratos*, de parede aberta e arqueada, com bordo em aba descaída. Embora seguindo uma tradição de fabrico ancestral, estas peças evidenciam já a influência da cultura romana.

Classe	Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	%NMI Prod.
Cerâmica cinzenta polida de tradição indígena	Local/regional	Potinho	5	5	11	100%
		Pote	3	3		
		Prato	2	2		
		Tampa	1	1		
Total			11	11	11	100%

Tabela 1 – Fase Ia: NMI da [U.E.2] da quadrícula E11.

Trata-se daquele que definimos como o momento construtivo da Fase I, à qual pertenceria uma estrutura de planta circular (quadrículas C3 / D3), associada a uma conduta de drenagem de águas (quadrícula F3), desativada aquando da construção da Fase II. Do interior desta conduta de drenagem de águas, que classificámos como Conduta 1, foi possível recolher um número elevado de materiais arqueológicos, correspondentes à utilização do complexo termal, momento que designámos como Fase Ib, e que atribuímos à segunda metade do século I d.C. (ou entre o período de 60-100, tendo em conta a presença de Drag. 35, 36, 37 de TSH e da escassez de TSSG). Sobre a Conduta 1 assentaram parcialmente os muros do Edifício B, cuja construção – na fase II – implicou a desativação desta conduta de drenagem de águas, bloqueada com a colocação de uma das pedras da sua cobertura.

Por esta razão consideramos que esta unidade estratigráfica apresenta elevada fiabilidade.

A análise incidiu sobre a [U.E. 9] da quadrícula H11, do interior da conduta 1, e confirmámos que na sua maioria os materiais detetados correspondem a exemplares de *terra sigillata*, pois num total de 80 NMI mais de metade corresponde a peças desta produção, na sua maioria (62,5%) de origem hispânica e apenas um fragmento da produção de La Graufesenque.

Tal como já tínhamos registado em trabalhos anteriores, a presença no Mileu de *terra sigillata* proveniente do centro produtor de La Graufesenque é muito reduzida (Pereira, 2012, p. 272), situação também comum nas demais estações da Beira Interior<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Veja-se, a título de exemplo Pedro Carvalho, 2007, ou Albuquerque, 2005.

Classe	Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	%NMI Prod.
Terra Sigillata	La Graufesenque	Drag. 27	3	1	1	1,25%
		La Rioja	Drag. 15/17	1	1	50
	Drag. 24/25	4	4			
	Drag. 27	17	17			
	Drag. 35	4	4			
	Drag. 36	1	1			
	Drag. 35/36	1	1			
	Hisp. 4	1	1			
	Hisp. 10	3	3			
	Drag. 29	3	3			
	Drag. 37A	1	1			
	Fg. decorados	13	13			
Indiferenciados	16	1				
Paredes Finas	Bética (?)	Mayet XXXVIIIB	1	1	2	2,5%
		Decorado	1	1		
Lucernas	Mérida (?)	Dressel 11	1	1	10	12,5%
		volutas	5	5		
		Indiferenciados	29	4		
Vidro		Frasco ovoide, bordo dobrado	1	1	5	6,25%
		taça troncocónica	1	1		
		copo	1	1		
		Ficha de jogo	1	1		
		Indiferenciados	12	1		
Cerâmica comum	Local / Regional	Tigela	2	2	12	15%
		Pote	1	1		
		Prato	1	1		
		Indiferenciados	30	8		
Total			155	80	80	100%

Tabela 2 – Fase Ib: NMI da [U.E. 9] da quadrícula H11.

Disso é exemplo a escassa representatividade na [U.E. 9] da quadrícula H11 do Mileu, com apenas um exemplar (**n.º 12**), da forma Drag. 27, com uma pasta compacta e verniz aderente e muito brilhante. Trata-se de um exemplar possivelmente datado de época neroniana, tendo em conta a sua classificação como Drag. 27b, que é a mais pequena das variantes de bordo anguloso e topo liso, formando lábio (Quaresma, 2009, p. 36).

A escassa representatividade desta produção por toda a Beira Interior pode ter várias explicações, desde o reduzido poder aquisitivo das populações

desta região, nesta época em particular, mas também a própria localização geográfica, afastada das grandes rotas comerciais que asseguravam a sua distribuição, bem como a relativamente tardia integração deste território na esfera do Império.

Como seria de esperar, e como já anteriormente tínhamos confirmado em diversos sítios do interior da Lusitânia, nomeadamente na *Ammaia*, Idanha-Velha e no Mileu (Pereira, 2006), a maioria dos exemplares de *terra sigillata* recolhidos nestes sítios foram produzidos na Península Ibérica, merecendo destaque especial os materiais do centro produtor de La

Rioja, embora se encontrem representados também os centros produtores de Andújar (na *Ammaia*) e do Vale do Douro (Mileu e Idanha-a-Velha).

Assim, na análise dos exemplares de *terra sigillata* hispânica da [U.E. 9] da quadrícula H11 do Mileu verificámos, uma vez mais, que surgem em clara maioria as taças, com especial destaque para a forma Drag. 27, seguida da forma Drag. 35.

Os exemplares da forma Drag. 27 que surgem nesta unidade (n.ºs 18 a 25) apresentam indícios de antiguidade, inseridas na fase de imitação dos materiais sudgálicos, caracterizados pela reduzida dimensão, pelo lábio destacado e verniz espesso, brilhante e aderente. Segundo Françoise Mayet (1984, p. 72), esta primeira fase produtiva recuará ao período flaviano e era caracterizada pelo quarto de círculo superior curto, com uma curvatura muito acentuada e uma ranhura sob o bordo, levando ao destacamento do lábio, de perfil boleado.

Da forma Drag. 24/25 identificámos quatro exemplares (n.ºs 14 a 17). Trata-se de uma pequena taça, pouco comum na maioria dos sítios, o que dificulta a análise da sua evolução<sup>4</sup>, tendo um fabrico datável da segunda metade do século I d.C., mas que se prolongou na centúria seguinte (Mayet, 1984, p. 72). Os exemplares desta forma recolhidos no Mileu constituem um conjunto heterogéneo, pois os quatro exemplares apresentam diferenças significativas, contemplando os exemplares de fabrico mais cuidado, de pequenas dimensões, com um *guilhocché* mais fino e ranhura interna sob o bordo (como o n.º 16) associados a outros, de maiores dimensões, com um *guilhocché* mais grosseiro (como o n.º 17).

Relativamente aos exemplares da forma Drag. 35 (n.ºs 26 a 29) verificámos que na sua maioria também se inserem na primeira fase de produção, que remonta à segunda metade do século I d.C. (nunca antes dos Flávios), caracterizados pela pequena

<sup>4</sup> Todavia, é possível que corresponda a uma forma também produzida durante o Baixo-Império, uma vez que no Mileu surgiu um fragmento de bordo desta forma exibindo características deste período.

dimensão, bordo encurvado, afastado da parede, mas horizontal descendente e com folhas de água. Uma vez mais confirmámos que correspondem a peças de excelente fabrico, com verniz espesso, brilhante e aderente.

Destacamos ainda o surgimento das formas tipicamente hispânicas, como um exemplar da Hisp. 4 (n.º 30), com o seu característico *guilhocché* na aba, rodeado por duas caneluras, e com uma asa em forma de laço. Segundo M. Romero Carnicero (1985) no seu estudo sobre os materiais de Numância, é a partir dos fins do século I d.C. e ao longo de toda a centúria seguinte que se generalizam as asas em forma de laço, período de maior difusão desta forma. Contudo, o facto de surgir um exemplar nesta unidade do Mileu (que, como já mostrámos, apresenta um elevado grau de fiabilidade) coloca-nos perante a possibilidade de um fabrico com estas características ser mais antigo.

Outra das formas representada é a Hisp. 10, com três exemplares (n.ºs 31 a 33). É uma forma tipicamente hispânica, limitada geograficamente ao Norte da Península Ibérica e escassamente representada na maioria dos sítios<sup>5</sup>.

Entre as formas decoradas salientamos os três exemplares de Drag. 29 (n.ºs 34 e 35). Observa-se em dois deles a decoração com métopas. O surgimento destes exemplares nesta unidade encontra-se de acordo com o proposto para esta fase, pois a sua produção encontra-se balizada entre os anos 55/60 d.C. e prolonga-se até aos Flávios, com apogeu no período entre 80/85 (Mayet, 1984, p. 82). Os exemplares analisados evidenciam um fabrico cuidado, de pasta compacta e engobe brilhante, homogéneo e aderente, características que atribuíramos a uma primeira fase produtiva das oficinas hispânicas.

<sup>5</sup> Em *Conimbriga* conhecem-se poucos exemplares (Delgado; Mayet; Alarcão, 1975, p. 154), em Belo apenas um exemplar (Bourgeois; Mayet, 1991, p. 200), em Santarém é desconhecida, assim como em Idanha-a-Velha (Pereira, 2006). Porém, em *Petavonium* é comum, com quinze indivíduos (Carretero Vaquero, 2000, p. 395), enquanto na *Ammaia* foram detetados quatro exemplares (Pereira, 2006, p. 45). Pelo contrário, no Mileu identificámos dezanove exemplares (Pereira, 2012, p. 298).

Como seria de esperar, no Mileu - e na unidade agora analisada - detetámos apenas dois NMI de cerâmica de paredes finas, destacando-se a presença de um exemplar da forma Mayet XXXVII (n.º 42), decorado com merlões. Apresenta engobe alaranjado, com reflexos metálicos, e com uma pasta de coloração ocre esbranquiçada, características produtivas da Bética, e foi uma forma que - a partir da época tibério-claudiana, e prolongando-se até à década de 80 do século I d.C. (López Mullor, 2008, p. 369) - deu início à produção nesta região.

A análise da distribuição da cerâmica de paredes finas na Península Ibérica permite confirmar uma presença eminentemente costeira ou fluvial, podendo contudo atingir áreas mais interiores, de que são exemplo as peças do Mileu ou de Idanha-a-Velha (Carvalho, 2009, p. 122). Estes produtos não possuíam um circuito comercial próprio, encontrando-se a sua distribuição ligada à comercialização de azeite bético, sobretudo à presença de ânforas Dressel 20 (Carretero Vaquero, 2000, p. 473).

No conjunto de materiais desta unidade destacam-se ainda os exemplares de lucernas, grupo relativamente bem representado, com dez NMI (n.ºs 38 a 41), seis dos quais inseridos no grupo de fabrico proveniente de *Augusta Emerita*<sup>6</sup>, entre o qual evidenciamos duas representações da Vitória alada<sup>7</sup>, pertencendo o n.º 39 à forma Dr. 11. Neste exemplar do Mileu a divindade encontra-se em posição frontal, sobre o *orbis*, de pé, segurando na mão direita o *clipeus virtutis* (o escudo redondo), e na outra uma palma caída, destacando-se a nitidez dos motivos, distinguindo-se claramente o *peplos* e o *apotygma* que enverga, figuração semelhante à de um outro exemplar encontrado em Santa Bárbara (Castro Verde; Maia; Maia, 1997, p. 87, n.º 265) ou a um outro, proveniente de Mérida (Rodríguez Martín, 2002, p. 306, n.º 81).

<sup>6</sup> Sobre os grupos de fabrico de lucernas do sítio romano de Mileu confira-se Pereira, 2012, p. 325-326.

<sup>7</sup> O tema da personificação divinizada de Vitória é um dos mais comuns por todo o Império, encontrando-se atestado no Mileu em seis exemplares (Pereira, 2012, p. 332).

Embora o início de fabrico destes exemplares reue a Augusto, já o final de produção não é consensual, tendo Loeschcke proposto o período flaviano, enquanto Deneauve, bem como Ponsich, propuseram como data final de produção os fins do século I d.C. (Maia; Maia, 1997, p. 33). Relativamente à cerâmica comum, grupo pouco representado nesta unidade, verificámos o surgimento de apenas 12 NMI (n.ºs 43 a 46), com a presença de peças de pequenas dimensões, como as tigelas, mas também outras de maiores dimensões, como um pote e um prato, este último inserido no grupo de cerâmica cinzenta fina polida alto-imperial.

Uma última nota referente a estes materiais: os cinco NMI em vidro (n.ºs 47 a 50), dos quais se destaca um pequeno copo ou cálice (n.º 49)<sup>8</sup>, incolor, com decoração por lapidação em alto relevo na parede exterior, características que nos permitem atribuir a sua produção ao período da segunda metade do século I d.C. e a toda a centúria seguinte (Cruz, 2009, II, p. 69). No conjunto de vidros da unidade em análise detetámos ainda um exemplar de frasco ovoide de bordo dobrado (n.º 47)<sup>9</sup>, incolor, caracterizado por possuir o bordo em aresta dobrado sobre si mesmo, produzido entre os fins do século I d.C. e toda a centúria seguinte (Cruz, 2009, II, p. 193). Destacamos ainda o surgimento de uma pequena ficha de jogo (n.º 50), de cor negra, em forma de botão cego, peça produzida especificamente com esta funcionalidade.

### 3. FASE II

Sobretudo nos edifícios termais são comuns profundas alterações, reparações e construções. Neste sentido, a Fase I do Mileu terá tido um curta duração, denunciando que o primitivo complexo termal foi profundamente alterado, com a desativação da

<sup>8</sup> Trata-se da forma mais bem representada entre os vidros detetados nas escavações do Mileu, embora os copos sejam raros no contexto arqueológico da maioria dos sítios, talvez pelo facto de serem produtos de importação (Cruz, 2009, II, p. 71).

<sup>9</sup> Corresponde à forma Ising 67.

estrutura circular e da conduta 1, construindo-se numa fase posterior um conjunto mais amplo, com novos espaços arquitetónicos.

A construção desta Fase II parece denunciada pelas [U.E. 29] e [U.E. 28] da Quadrícula M5, associadas à escavação da Conduta 4, localizada a Norte do Edifício B. Apesar de as unidades do interior da conduta estarem seladas pelas pedras de cobertura, os materiais que de seguida iremos descrever surgiram já no seu exterior, não apresentando estas unidades – por esta razão – um elevado grau de fiabilidade.

São unidades com escassos materiais arqueológicos, mas que indiciam que esta fase teve início nos fins do século I d.C. ou já em inícios do século II d.C., período em que terá ocorrido não só a monumentalização do sítio do Mileu, com a reorganização dos compartimentos sobre *hipocaustum*, mas também a construção do Edifício B e o arranjo dos espaços contíguos, o espaço ajardinado e a colunata, bem como a edificação de outras condutas de drenagem de águas.

Classe	Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	% NMI Prod.
<i>Terra Sigillata</i>	La Rioja	Drag. 27	4	3	12	25,5%
		Lw Tb	1	1		
		Decoradas	6	4		
		Indiferenciadas	24	4		
Paredes Finas	Bética	Indiferenciados	1	1	1	2,1%
Lucernas	Mérida	Indiferenciados	12	6	6	12,7%
Cerâmica comum	Local -Regional	Púcaro	1	1	28	59,5%
		Potinho	2	2		
		Indiferenciados	62	25		
Total			114	47	47	100%

Tabela 3 – Fase IIa: NMI das [U.E. 29] e [U.E. 28] da quadrícula M5.

Neste período o sítio do Mileu ainda não recebia elevada quantidade de materiais importados, destacando-se apenas 13 indivíduos de *terra sigillata* de produção hispânica, identificando-se apenas duas formas: uma taça Ludowici Tb (n.º 53), de bordo oblíquo, de perfil mais avançado – já de finais do século I d.C. ou inícios do século II d.C.; duas taças Drag. 27 (n.ºs 51 e 52), ambas apresentando perfis que nos levaram a inseri-las no segundo grupo evolutivo desta forma, proposto por Françoise Mayet (1984), e datado por Santiago Carretero Vaquero (2000, p. 375-376) – tendo em conta os materiais de *Petavonium* – do fim do século I d.C. até ao fim da primeira metade do século II<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Ambos os exemplares apresentam um excelente fabrico, com pasta compacta, e engobe de boa qualidade, homogéneo, brilhante e aderente. Seriam caracterizados pelo aumento de dimensões do diâmetro de bordo, parede oblíqua e alta, de meio círculo bem pronunciado e sem a definição do lábio.

No conjunto destacamos um número elevado de exemplares de cerâmica comum, com 28 indivíduos, metade dos quais inseridos no grupo da cerâmica cinzenta fina polida alto-imperial, onde se destacam as formas de pequenas dimensões, como os *potinhos* ou os *púcaros* (n.ºs 55 e 56).

Já o período seguinte – Fase IIb, datada do segundo quartel do século II d.C. – é marcado pela plena utilização do conjunto arquitetónico e por profundas alterações ao nível da participação do Mileu nas rotas comerciais terrestres.

Assim, iremos focar a nossa atenção nas [U.E. 16], [U.E. 18] e [U.E. 27] da quadrícula M5, que se sobrepõem às da fase IIa, verificando-se que alguns dos seus materiais se encontram repartidos sobretudo pelas duas primeiras unidades, destacando-se os fragmentos de parede de uma ânfora, classificada como Dressel 20, com características de fabrico da Bética.

Classe	Origem	Tipo	Frag.	NMI	NMI Prod.	%NMI Prod.
<i>Terra Sigillata</i>	La Rioja	Drag. 15/17	3	3	39	60,9%
		Drag. 27	2	2		
		Drag. 33	1	1		
		Drag. 35	1	1		
		Drag. 36	1	1		
		Drag. 46	1	1		
		Drag. 30	1	1		
		Drag. 37A	2	2		
		Decoradas	8	8		
		Indiferenciadas	49	19		
Paredes Finas		Indiferenciados	1	1	1	1,5%
Lucernas	Mérida	Volutas	1	1	1	1,5%
		Indiferenciados	12	-		
Ânfora	Bética	Dr. 20	1	1	2	3,1%
	Lusitana (?)	Indiferenciada	1	1		
Cerâmica comum	Local – regional	Púcaro	2	2	19	29,6%
		Potinho	3	3		
		Panela	4	4		
		Tampa	1	1		
		Taça	1	1		
		Indiferenciados	184	7		
	Regional	Potinho	1	1	1	1,5%
Vidro		Frasco ovoide	1	1	2	3,1%
		Indiferenciado	4	1		
Total			286	64	64	100%

Tabela 4 – ase IIb: NMI das [U.E. 16], [U.E. 18] e [U.E. 27] da quadrícula M5, do sítio do Mileu.

As unidades agora em análise denunciam uma vez mais um número elevado de exemplares de *terra sigillata*, todos eles de produção hispânica, correspondente a 60,9% no conjunto de 64NMI. Trata-se de um período em que o sítio do Mileu já se encontrava plenamente inserido nas rotas comerciais, onde a *terra sigillata* hispânica de La Rioja detinha o monopólio de comercialização, destacando-se três exemplares da forma Drag. 15/17 (n.ºs 57 a 59), a mais bem representada nestas unidades, exemplares estes caracterizados por perfis de contornos hispânicos, com paredes que se tornam mais altas e esvasadas, sem o friso sob o bordo, inseridos numa terceira fase produtiva desta forma, que nos remete para a primeira metade do século II d.C. (Mayet, 1984, p. 71).

Destacam-se ainda dois exemplares da forma Drag. 27 (n.º 60), e um da forma Drag. 35 (n.º 62), todos eles apresentando características de perfis mais avançados, ou seja da primeira metade do século II d.C., bem como um exemplar da forma Drag. 33 (n.º 62), também ele evidenciando um perfil mais avançado, com uma produção a partir de inícios do século II d.C. (Mayet, 1984, p. 73).

Entre as formas decoradas destacamos um fragmento (n.º 63) que, com as devidas reservas, filiamos na forma Drag. 30 e ainda dois da forma Drag. 37A (n.ºs 64 e 65). O surgimento do primeiro exemplar, com uma produção até finais do século I d.C. poderá permitir prolongar a datação da comercialização desta forma pelo menos até inícios do século II d.C. Todavia, a reduzida dimensão do frag-

mento impõe-nos algumas reservas. Salientamos ainda cinco fragmentos decorados, inseridos no tema de círculos (n.ºs 66 e 67).

Entre a cerâmica comum, uma vez mais não podemos deixar de realçar o elevado número de exemplares inseridos no grupo de fabrico da cerâmica cinzenta fina polida alto-imperial (n.ºs 68 a 71), com a sua característica decoração polida – em linhas paralelas oblíquas – na parede exterior e as formas de pequenas dimensões, como os *potinhos* e os *púcaros*. Saliente-se ainda a presença de um exemplar produzido numa pasta com características da cerâmica da Bética, um *potinho* (n.º 72) produzido a partir de pasta calcária, pouco compacta e porosa.

Por fim, na [U.E. 27] não podemos deixar de mencionar o surgimento de um denário de prata, do Imperador Adriano, exibindo no anverso cabeça laureada, virada à direita e no reverso a representação de Vitória alada, virada à direita, a segurar um estandarte, possivelmente de 120 d.C.<sup>11</sup>.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pequeno lote de materiais do Mileu em análise é muito homogéneo em termos de funcionalidade, esmagadoramente cerâmica do serviço de mesa. Trata-se, na sua maioria, de *terra sigillata*, mas também cerâmica de paredes finas, lucernas, vidro e cerâmica comum fina. Este facto só poderá ser explicado por os materiais em análise serem provenientes de um local muito específico do sítio arqueológico, o complexo termal. Disso são exemplo as pequenas *taças* de *terra sigillata* hispânica, onde se destacam as formas Drag. 27 e Drag. 35, os *potinhos* e os *aribalos* e os *unguentários*, em vidro ou em cerâmica (Pereira, 2012). Ficamos assim com uma ideia genérica dos materiais utilizados neste complexo termal.

Os materiais importados correspondem essencialmente a exemplares de *terra sigillata*, recolhidos no Mileu em número elevado, denunciando que seriam materiais de retorno de um fluxo comercial possivelmente baseado na exportação de metais,

sobretudo cobre e estanho, abundantes na região do Planalto Guarda-Sabugal.

O estudo destes materiais mostra-nos que o Mileu, bem como a região circundante, estaria integrado numa rede de trocas com regiões longínquas da Península Ibérica, que comercializava produtos manufaturados importados para a Meseta Norte, possivelmente a partir de Mérida, permitindo-nos desta forma alargar a área de influência deste centro produtor e distribuidor. *Augusta Emerita* teria um papel fulcral enquanto centro distribuidor de *terra sigillata* de La Rioja. Este comércio, nesta região em concreto, seria efetuado através das rotas terrestres, entre as quais a estrada de ligação de Mérida a Braga desempenharia um papel fundamental, apoiando-se nos centros urbanos<sup>12</sup>, onde inserimos o Mileu, para posteriormente serem distribuídos e comercializados pela região envolvente.

Com maior importância após a construção da Ponte de Alcântara em inícios do século II d.C. (Mantas, 2012), parece-nos que a participação do Mileu nestas redes de comércio é já tardia, atingindo o seu auge apenas na primeira metade do século II d.C., facto que poderá estar relacionado com a construção das estruturas monumentais do sítio do Mileu, mas também com a afirmação das oficinas de distintas produções na Península Ibérica e dos seus produtos face à importação de produtos sudgálicos ou norte-africanos. Não obstante, encontram-se representados outros centros produtores, de que são exemplo a *terra sigillata* das oficinas do Douro, mas também as lucernas de Mérida e da Bética, destacando-se duas marcas do oleiro AGATOP (Pereira, 2012, p. 336), provenientes da oficina localizada em *Italica*, na Bética.

Esta breve análise de materiais arqueológicos do sítio do Mileu permite-nos não só compreender o grau de aculturação e de romanização dos seus habitantes (fator importante sobretudo por se tratar de uma região ainda pouco conhecida neste e noutros períodos históricos), mas também apreender a

<sup>11</sup> CAESAR TRAIAN ADRIANUS P.M. TR. P. COS III.

<sup>12</sup> Como defendeu Carlos Fabião (1994, p. 238), relativamente à distribuição de ânforas de azeite da Bética.

dinâmica e a vitalidade com que o sítio participou nos circuitos da economia antiga, sobretudo no período alto-imperial. Em suma, a análise dos materiais acima referenciados mostra o sítio arqueológico do Mileu como um dos mais importantes na rede de povoamento romano dos territórios, ainda tão mal conhecidos, localizados entre o Vale do Côa, o alto Mondego e o alto Zêzere.

## BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge de (1974) – *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Universidade de Coimbra.

ALBUQUERQUE, Elisa M. M. A. (2005) – *Entre sigillata e faiança: primeiro estudo sobre a cerâmica da Torre de Almojala*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).

BOURGEOIS, Ariane; MAYET, Françoise (1991) – *Les sigillées. Feuilles de Belo*. VI. Madrid: *Colletion de la Casa de Velázquez*. 34 (*Archéologie*, XIV).

CARRETERO VAQUERO, Santiago (2000) – *El campamiento romano del Ala II Flavia en Rosinos de Vidriales (Zamora). La cerámica*. Zamora: Universidad de Valladolid.

CARVALHO, Pedro C. (2005) – Identificação e representação espacial das capitais de civitates da Beira Interior. *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia* (Actas das 2as Jornadas de Património da Beira Interior). Guarda: CEI/ARA, p. 155-170.

CARVALHO, Pedro C. (2007) – *Cova da Beira. Ocupação e exploração do território na época romana*. Fundação/Coimbra: CMF/IAFLUC (*Conimbriga*. Anexos 4).

CARVALHO, Pedro C. (2009) – O Forvm dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal). *Archivo Español de Arqueología*. Madrid. 82, p. 115-131.

CARVALHO, Pedro (2010) – O interior norte da Lusitânia romana: resistências, mudanças e rupturas nos primeiros tempos do Império. *El bronce de El Picón (Pino del Oro). Procesos de cambio en el occidente de Hispania*. Castilla y León: Junta de Castilla y León, p. 79-91.

CRUZ, Mário (2009) – *O vidro romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do Minho. 2 vols. (policopiado).

DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A. (1975) – *Les sigillées. Feuilles de Conimbriga*. Paris: Diffusion E. de Boccard. IV.

FABIÃO, C. (1994) – O azeite da Bética na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 219-245.

JORGE, Filipe, coord. (2009) – *A Guarda Vista do Céu*. Lisboa: Edições Argumentum.

GUERRA, Amílcar (2007) – Sobre o território e a sede dos Lancienses (Oppidani e Transcudani) e outras questões conexas. *Conimbriga*. Coimbra. XLVI, p. 161-206.

LÓPEZ MULLOR, Alberto (2008) – Las cerámicas de paredes finas en la fachada mediterránea de la Península Ibérica y las Islas Baleares. *Cerámicas Hispanorromanas. Un estado de la cuestión*. Cádiz: Universidade de Cádiz, p. 343-384.

MAIA, G. P.; MAIA, M. (1997) – *Lucernas de Santa Bárbara*. Castro Verde: Núcleo de Arqueologia da Cortiçol.

MANTAS, Vasco Gil (2012) – As Vias Romanas da Lusitânia. *Studia Lusitana*. Mérida. 7.

MAYET, Françoise (1984) – *Les Céramiques Sigillées Hispanique. Contribution à l'histoire économique de la Péninsule Ibérique sous l'Empire romain*. Paris: Dif. de Boccard.

OSÓRIO, Marcos (2006) – O Povoamento romano do alto Côa. *Territoria*. 1, Guarda: Câmara Municipal da Guarda.

PEREIRA, Vitor (2006) – *Terra Sigillata em três locais da Lusitania: Ammaia, Idanha, Mileu*. Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).

PEREIRA, Vítor (2012) – *O sítio romano da Póvoa do Mileu (Guarda). Povoamento, Estruturas e Materiais Arqueológicos de uma pequena ciuitas localizada nos confins ocidentais do Império Romano*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).

PERESTRELO, Manuel S. (2003) – *A romanização na bacia do rio Côa*. [s.l.]: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

QUARESMA, José Carlos (2009) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).

RAUX, S. (1998) – Méthodes de quantification du mobilier céramiques. Etat de la question et pistes de réflexion. *La quantification des céramiques, conditions et Protocole*. Glux-en-Glenne: Mont Beuvray (*Collection Bibacte*; 2), p. 37-46.

RODRIGUES, Adriano V. (1962) – Elementos para o estudo da romanização nos Montes Herminios. Sep. *Lucerna*. Porto. II: 1/2, p. 5-16.

RODRÍGUEZ MARTÍN, Francisco G. (2002) – Lucernas romanas del Museo Nacional de Arte Romano (Mérida). (*Monografías Emeritenses*; 7).

ROMERO CARNICERO, M. V. (1985) – *Numancia I. La Terra sigillata*. Madrid (EAE; 146).

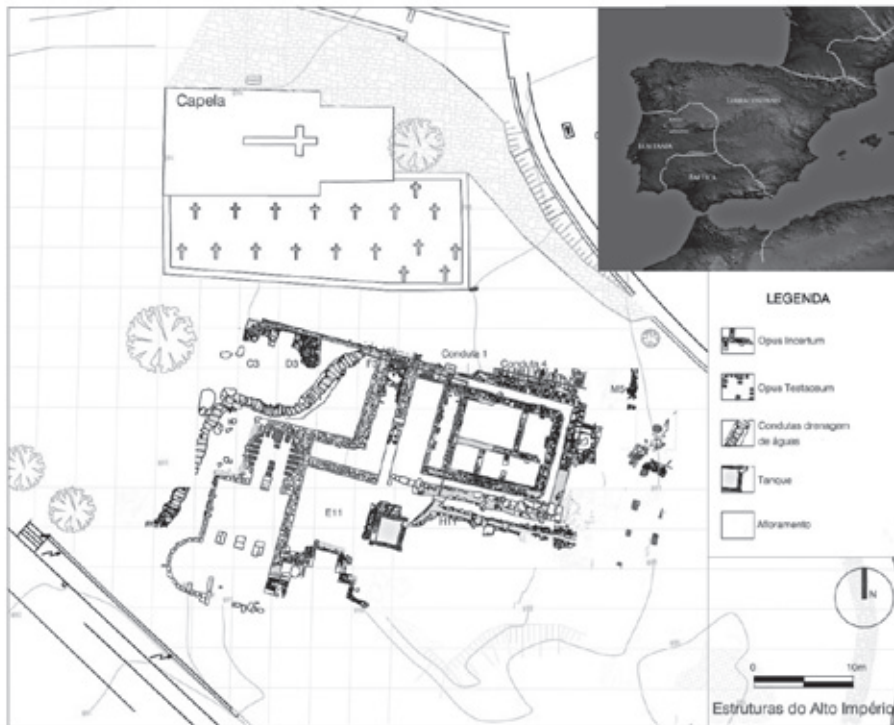


Figura 1 – Planta do conjunto histórico do Mileu e delimitação de quadrículas em análise.



Figura 2 – Vista aérea do conjunto histórico do Mileu (Jorge, 2009).



Figura 3 – Conjunto termal romano.



Figura 4 – Vista do Edifício B (Imagem: Marco Pitt).



Figura 5 – Capela românica do Mileu.

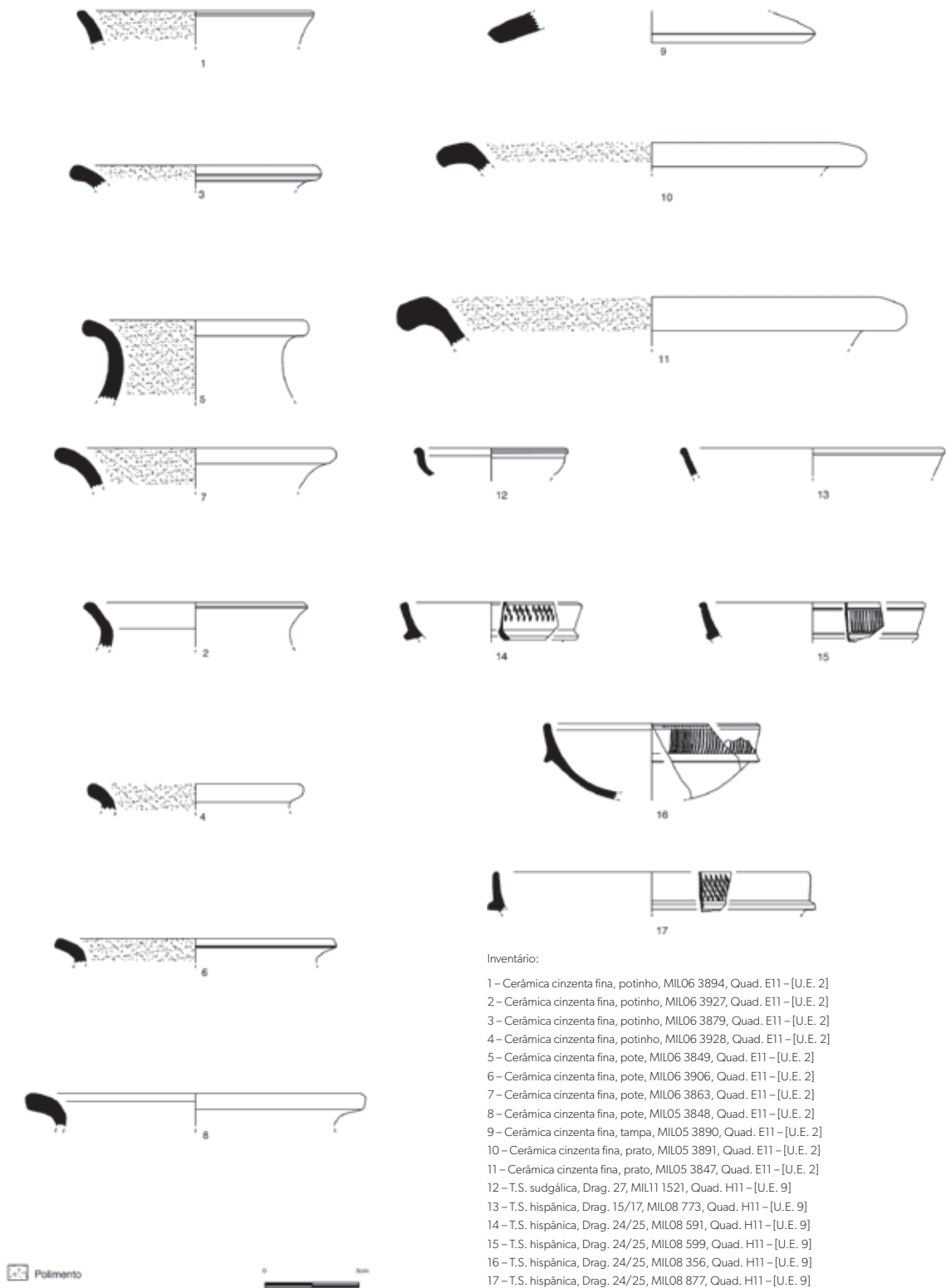
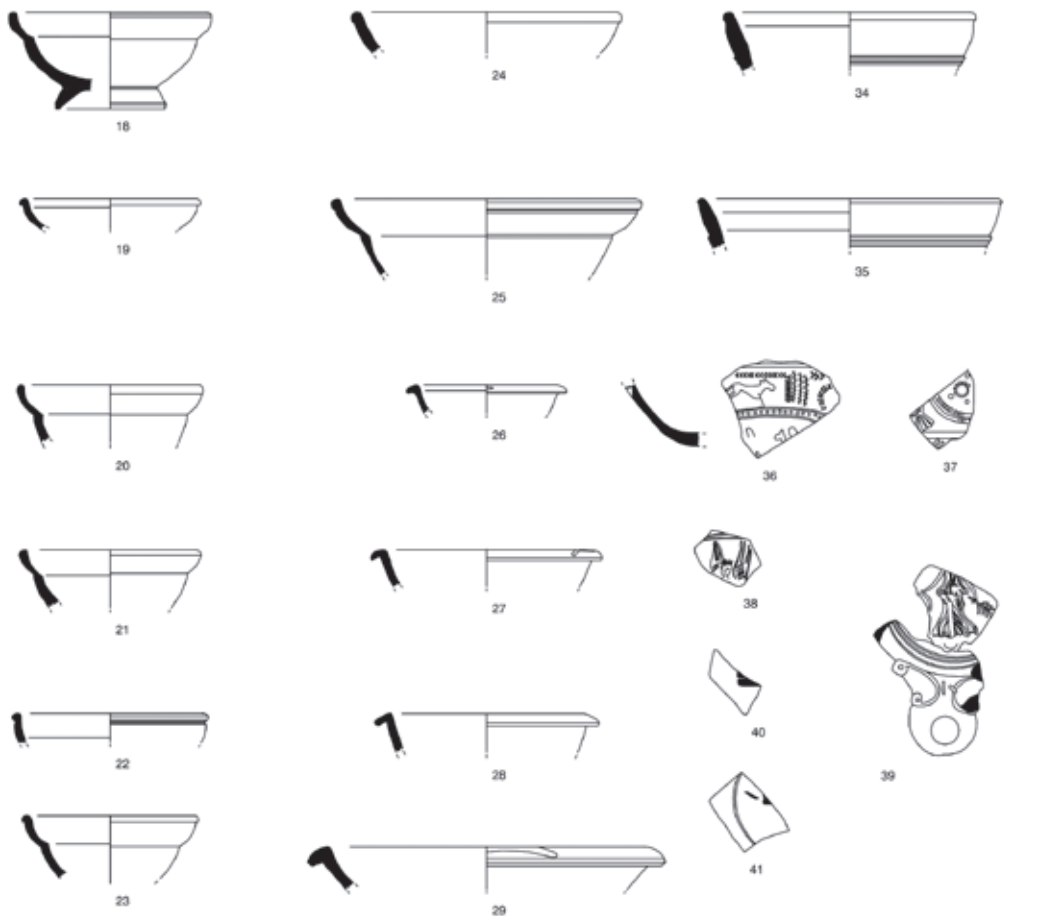


Figura 6 – Cerâmica do Mileu. Fases Ia (UE 2) e Ib.



Inventário:

- 18 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 554, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 19 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 357, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 20 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 569, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 21 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 552, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 22 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 667, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 23 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL11 557, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 24 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 451, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 25 – T.S. hispânica, Drag. 27, MIL08 459, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 26 – T.S. hispânica, Drag. 35, MIL08 753, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 27 – T.S. hispânica, Drag. 35, MIL08 642, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 28 – T.S. hispânica, Drag. 35, MIL08 607, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 29 – T.S. hispânica, Drag. 35/36, MIL08 440, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 30 – T.S. hispânica, Hisp. 4, MIL08 5978, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 31 – T.S. hispânica, Hisp. 10, MIL11 565, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 32 – T.S. hispânica, Hisp. 10, MIL11 600, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 33 – T.S. hispânica, Hisp. 10, MIL08 763, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 34 – T.S. hispânica, Drag. 29, MIL08 572, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 35 – T.S. hispânica, Drag. 29, MIL08 815, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 36 – T.S. hispânica, decorada, MIL08 443, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 37 – T.S. hispânica, decorada, MIL08 392, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 38 – Lucerna, Loes. IV, MIL08 751, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 39 – Lucerna, Loes. IV, MIL08 597, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 40 – Lucerna, marca planta pedis, MIL08 696, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 41 – Lucerna, marca planta pedis, MIL08 577, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 42 – Cer. Paredes finas, Mayet 37b, MIL08 508, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 43 – Cerâmica comum, tigela, MIL08 551, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 44 – Cerâmica comum, tigela, MIL08 861, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 45 – Cerâmica comum, pote, MIL08 564, Quad. H11 – [U.E. 9]  
 – T.S. hispânica, Drag. 24/25, MIL08 877, Quad. H11 – [U.E. 9]



Figura 7 – Cerâmica do Mileu. Fase Ib.

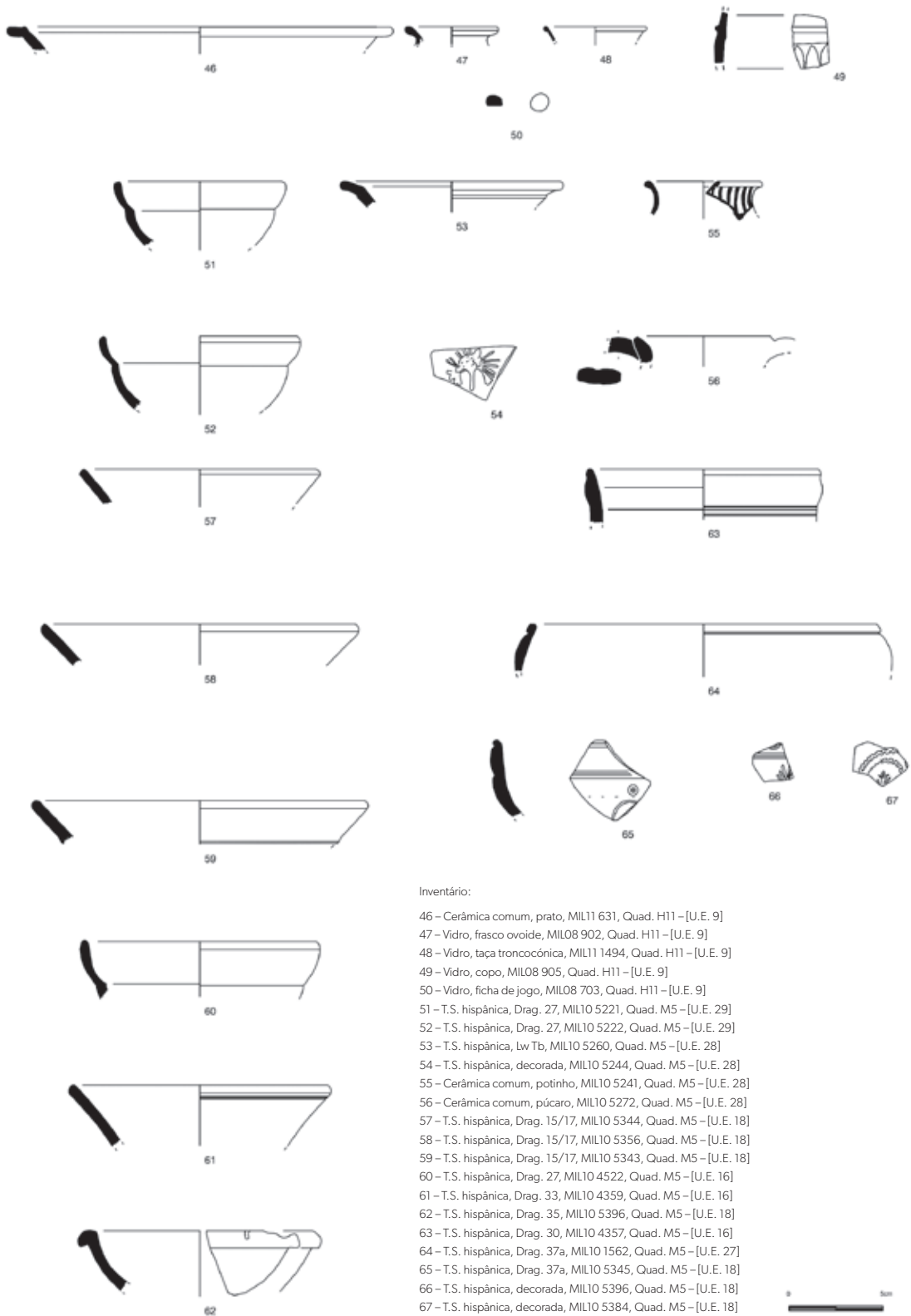
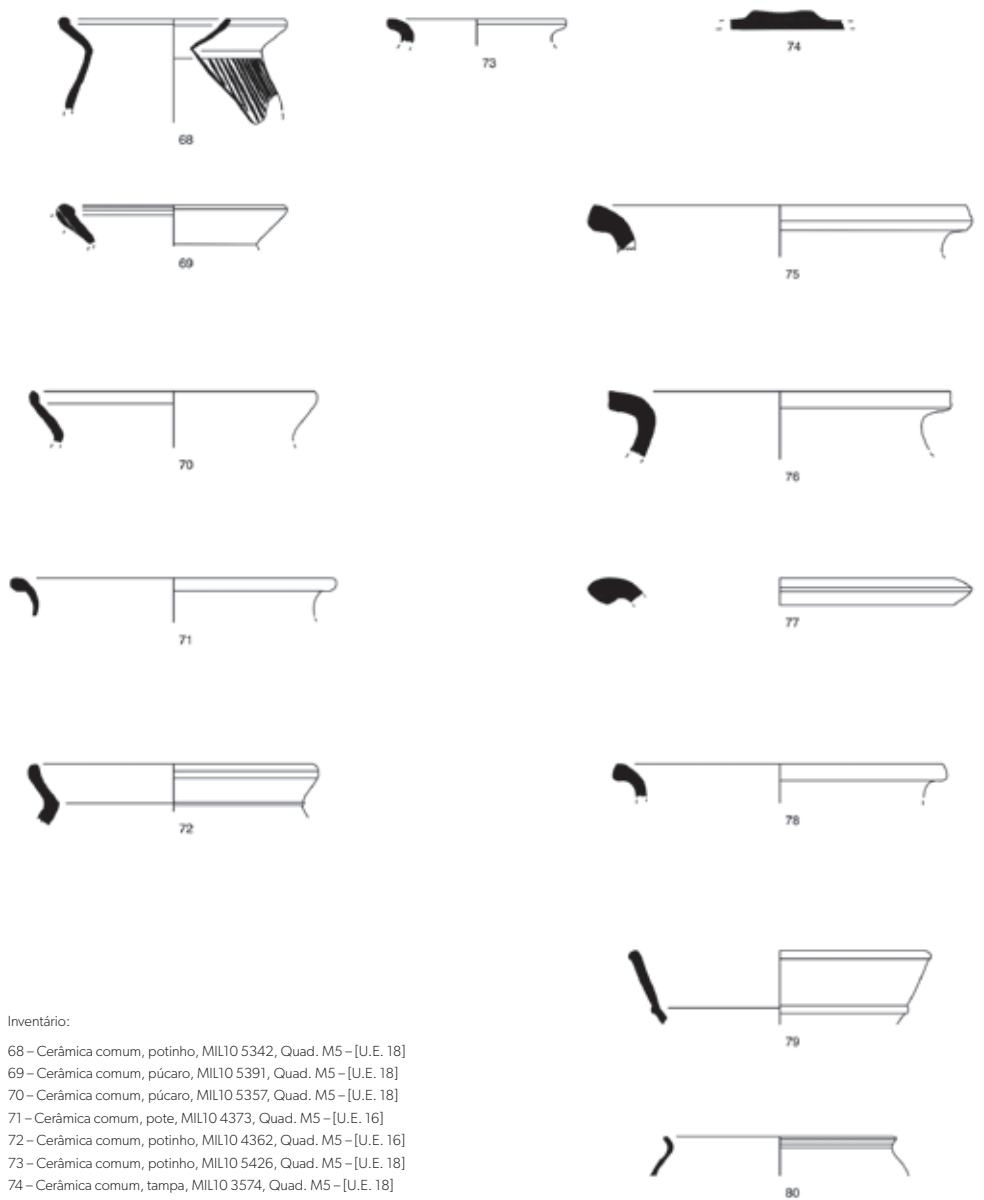


Figura 8 – Cerâmica do Mileu. Fase Ib (UE 9), fase IIa (UEs 29 e 28), fase IIb (UEs 16, 18, 27).



Inventário:

- 68 – Cerâmica comum, potinho, MIL10 5342, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 69 – Cerâmica comum, púcaro, MIL10 5391, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 70 – Cerâmica comum, púcaro, MIL10 5357, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 71 – Cerâmica comum, pote, MIL10 4373, Quad. M5 – [U.E. 16]
- 72 – Cerâmica comum, potinho, MIL10 4362, Quad. M5 – [U.E. 16]
- 73 – Cerâmica comum, potinho, MIL10 5426, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 74 – Cerâmica comum, tampa, MIL10 3574, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 75 – Cerâmica comum, panela, MIL10 5348, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 76 – Cerâmica comum, panela, MIL10 4120, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 77 – Cerâmica comum, panela, MIL10 5341, Quad. M5 – [U.E. 18]
- 78 – Cerâmica comum, panela, MIL10 5138, Quad. M5 – [U.E. 27]
- 79 – Cerâmica comum, taça, MIL10 4364, Quad. M5 – [U.E. 16]
- 80 – Vidro, frasco ovoide, MIL10 A, Quad. M5 – [U.E. 16]



Figura 9 – Cerâmica do Mileu. Fase IIb (UEs 16, 18, 27).